



## Brasileiros em Portugal: tempos de resistência, solidariedade e política

Rodrigo Pezzonia

Universidade de São Paulo/FAPESP - Brasil

[pezzonia@gmail.com](mailto:pezzonia@gmail.com)

Autoriza publicación

O ano de 1974 foi de mudanças tanto para Portugal, quanto para o Brasil<sup>1</sup>. O primeiro, por meio de um golpe de estado, desfazia-se de uma ditadura que quase amargava o cinquentenário, enquanto que o Brasil, naquele mesmo mês de abril, “comemoraria” seu décimo aniversário sob a égide de um regime de ordem semelhante. Em Portugal, em 25 de abril, a euforia em relação ao processo revolucionário recém-instalado colocava na ordem do dia a esperança do povo português de sair do estado de repressão, guerra colonial e silêncio. Já no Brasil, no dia 15 de março daquele mesmo ano, trocava-se o principal ator do poder executivo que, muito timidamente, trazia para os opositores a esperança – mesmo que ínfima – da possibilidade do fim do regime militar, pois, General Ernesto Geisel propalava a ordem de uma “abertura lenta, gradual e segura”.

Pelos cinco anos em que foi presidente (1974-1979), o general Geisel jogou com a oposição e com a linha dura do regime. Revezava ondas de repressão e diálogo com as oposições e, em proporção diversa, o mesmo fazia com os “duros<sup>2</sup>”. Na política internacional sua atuação foi ainda mais contundente. Geisel – e o ministro das relações exteriores Antonio Azeredo da Silveira – se posicionou desde o início do seu governo contra a política desenvolvida pelos governos anteriores de subserviência aos Estados Unidos e defendia o reposicionamento do Brasil na esfera mundial, enquanto protagonista<sup>3</sup>. Para isso, criou a

---

<sup>1</sup> Guardadas as devidas proporções. Para Portugal o processo foi revolucionário e de ruptura; para o Brasil era apenas um sinal para uma transição conciliada que se arrastaria por mais de uma década. Sobre a transição brasileira ver CODATO, Adriano Nervo. **Uma História da Política de Transição Brasileira: da ditadura militar à democracia**. Revista de Sociologia e Política. Nº 25. Nov. 2005. Pag. 83-106.

<sup>2</sup> Exemplos disso é que Geisel fechou o Congresso em abril de 1977 e cercou a oposição comunista após a dizimação das fileiras armadas, ao mesmo tempo em que afastou o Comandante do II Exército, Ednardo D’Ávila Melo em 19 de janeiro de 1976 e a exonerou do general Sylvio Frota em 12 de outubro de 1977.

<sup>3</sup> Indica-se, entre outros, o texto de SARAIVA, Miriam Gomes; VIGEVANI, Tullo. **Política Externa do Brasil: continuidade em meio à descontinuidade, de 1961 a 2011**. In: AARÃO REIS FILHO, D. RIDENTI, M. MOTTA, R. P. S. (orgs.) **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. Nele, os autores compararão o Pragmatismo ecumênico e responsável de Geisel á Política Externa Independente (PEI) de Janio Quadros e João Goulart e a autonomia pela diversificação do governo Luiz Inácio Lula da Silva encontrando vários pontos de convergência entre as três.

política externa que ficou conhecida por “Pragmatismo ecumênico e responsável”, expressão que, conforme esclarece Specktor, “... fora cuidadosamente costurada para impedir a posição de três grupos principais: a linha dura à direita; os opositores do regime, à esquerda; e os diplomatas de carreira do Itamaraty.” E explica:

O adjetivo “**pragmático**” era um dispositivo para dotar as escolhas controversas do novo governo de alguma legitimidade. O argumento implícito era o de que as prioridades internacionais do país, em seguida ao golpe de 1964, eram excessivamente estreitas para o mundo de 1974 e chegara a hora de guiar-se mais firmemente pelo “interesse nacional” [...] “**Ecumênico**” significaria que o Brasil expandiria seus laços independentemente de credo, filiação ideológica ou etnia. Regimes marxistas, países árabes, África negra e China comunista entrariam no novo arcabouço diplomático. A expressão deve ser vista como uma medida preventiva para conter grupos de pressão e a opinião pública. Por fim a noção de “**responsabilidade**” cumpria a função de tranquilizar a linha dura: haveria mudanças apenas em áreas que não ameaçassem a continuidade do regime.<sup>4</sup>. (Grifo nosso)

Assim, foi esta a política que levou o Brasil a reconhecer a China comunista, os movimentos marxistas africanos de libertação e ser o primeiro a legitimar a Revolução dos Cravos.

O ministro Azeredo da Silveira entendia que o reconhecimento da revolução portuguesa seria a porta de entrada para a Europa e África devido à possibilidade de problemas de alinhamento com os EUA, sendo necessárias as melhores relações com o maior número de nações, sejam elas da corrente ideológica que fossem.

Mas não só a ditadura pretendia utilizar novas estratégias. Também os que se opunham a ela procuravam compreender seus erros e desenvolver outros métodos de luta. Desde o início da década de 1970, com o sistêmico fracasso das esquerdas armadas, a reação bélica contra o regime passava por um processo de autocrítica no qual, paulatinamente, os movimentos guerrilheiros começam a compreender que a luta deveria passar à campanha pelo retorno das liberdades democráticas, pela anistia, pelo fim do Ato Institucional nº5, culminando com o fim da ditadura.

É interessante notar que a resistência à ditadura no exterior também passa por dois momentos distintos. O primeiro, diz respeito às denúncias de tortura divulgadas, especialmente, pelos banidos em fins década de 1960 e início de 1970. Como revela Greco

---

<sup>4</sup> SPECKTOR, Matias. **Kissinger e o Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. pag. 77.

De fato, os exilados, ou, mais precisamente os banidos – logo a esquerda armada – são os primeiros a denunciar *urbi et orbe* os crimes da ditadura militar brasileira. Ainda no final dos anos 60 e início dos 70, as trocas de prisioneiros políticos por diplomatas sequestrados por comandos guerrilheiros - verdadeiros golpes de mestre na avaliação de Jacob Gorender – inauguram em grande estilo e muito estardalhaço o que virá a ser o eixo principal da luta dos exilados brasileiros: a denúncia das torturas, mortes e *desaparecimentos políticos* – o terrorismo de Estado em vigor no país. As iniquidades do regime são expostas aos quatro ventos, ao vivo e em cores, mobilizando a mais ampla cobertura da mídia internacional...<sup>5</sup>

Até então, o próprio exílio não era aceito pelas organizações, sendo este considerado como posição de “derrotistas”. Mas, após o golpe contra Allende, parte das organizações abandonou este anseio revolucionário. De acordo com Rollemberg

O tipo de militância foi mudando, em um processo de crescente valorização da defesa dos direitos humanos. As associações de exilados se difundiram, mobilizando campanhas de denúncia da ditadura. Houve um deslocamento de interesse de países como Cuba e Chile para a Europa Ocidental. A revolução em evidência na primeira fase, aos poucos, cedeu lugar a temática da democracia. Paris tornou-se a capital do exílio. Entretanto, a revolução não estava completamente excluída de cena. Revista e redefinida a partir da experiência no Brasil e na América Latina, reavivou-se com os movimentos de liberação nacional dos países africanos e com a revolução dos cravos em Portugal<sup>6</sup>.

Outro fato relevante (inclusive por ser mais um combustível para a autocrítica das esquerdas armadas) se configurava naquele mesmo ano de 1974: uma importante vitória eleitoral<sup>7</sup> da única oposição legal (Movimento Democrático Brasileiro - MDB) deixa o regime

---

<sup>5</sup> GRECO, Heloisa Amélia. Dimensões Fundacionais da Luta pela Anistia. FAFICH-UFMG. Tese de Doutorado, 2003, p. 183.

<sup>6</sup> ROLLEMBERG, APUD GRECO, 186-187.

<sup>7</sup> Suzeley Mathias aponta a importância estratégica que deveria ter as eleições para o regime: “A revalorização do processo eleitoral explicava-se porque, por meio dele, o governo esperava por um lado encontrar “interlocutores válidos” para seu projeto e, por meio desses interlocutores, definir a transformação gradual do “sistema” político estável. Por outro lado, o apoio político era importante para vencer a principal linha da resistência ao projeto de mudança do regime, representada pelos setores militares comprometidos com a repressão e por civis de direita.” MATHIAS, Suzeley Kalil. **Distensão no Brasil: o projeto militar (1973-1979)**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 1995. Pag. 111.

militar em alerta e as oposições esperançosas<sup>8</sup>, auxiliando parte dos militantes guerrilheiros a reverem suas posições e adotarem a via democrática.

Esta autocrítica é facilitada no distanciamento que o exílio proporciona, embora muitos ainda procurassem restabelecer os contatos com suas organizações para a tentativa de reestruturação e retorno à guerrilha no Brasil. No exílio, principalmente na Europa, pós-golpe do Chile, esta alternativa começa a minguar com o passar dos anos.<sup>9</sup> Conforme veremos adiante, o encontro de alternativas políticas fará com que muitos abandonem a condição revolucionária, ou pelo menos sua imediata via armada.

Assim, neste primeiro momento, procuraremos entender a transformação política dos brasileiros em Portugal e as influências mútuas, tanto na luta contra o regime militar, quanto na vida política portuguesa.

### *Solidariedade e revolução*

*O exílio serviu para me curar do processo de radicalização que o processo de luta armada me deu.*

Wilson Barbosa<sup>10</sup>

A Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal foi vista pelos exilados, principalmente aqueles que ainda estavam sob a custódia das embaixadas na América do Sul, como a abertura de uma *janela de esperança*<sup>11</sup>.

Desta forma, com o auxílio de intelectuais e políticos dos países de acolhimento, os exilados, conseguiram adquirir solidariedade à sua causa em defesa dos presos políticos, fim da ditadura e do AI-5, assim como pela anistia aos presos e exilados políticos. Como relatou um ex-militante do PCdoB, Pedro Andrade, à professora Denise Rollemberg:

---

<sup>8</sup> Em 15 de novembro de 1974 a oposição consentida ao governo militar, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), “... obteve 50% dos votos para o Senado (contra 37% da ARENA) e 37% para a Câmara (contra 40% da ARENA). Mais do que isso saiu vitoriosa nas grandes cidades e nos Estados mais desenvolvidos [...] Fez 16 dos 22 senadores eleitos e 165 dos 364 deputados federais (na legislatura anterior, tinha apenas 87).” NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. Pag. 246.

<sup>9</sup> Para além do viés político, esta transformação vem também pela via comportamental e de valores. Conforme notamos nas memórias e depoimentos a rigidez “militarista” das organizações de esquerda convencional já não tinha a mesma aceitação e apelo de outrora para os jovens que, naquele momento, chegavam aos 30 anos de idade.

<sup>10</sup> **Setenta**. Dir. Emilia Silveira. Livres Filmes. Documentário. 2014. 96 min.

<sup>11</sup> PAIVA, Mauricio. **O Sonho Exilado**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004. pag. 200.

Em nenhum lugar isso [a solidariedade] teve a importância que teve em Portugal. Só em dois países é que poderia haver essa importância: em Portugal e na Espanha. Porque eram países que haviam vivido embaixo de ditadura. E quando você destapava a ditadura, as pessoas tinham a sensibilidade do que era estar submetido à ela, e conseguia-se, realmente, quase encarar isso como se fosse uma coisa deles. Pronto, eles eram antifascistas! Eram anti ditatoriais, eram tudo [...] Como fenômeno de massa, só poderia ter acontecido na península ibérica, pós-queda do salazarismo e do franquismo, porque as pessoas sabiam como era se viver sob uma ditadura, e de repente libertam-se, e, ao saber que tem outros assim, eles eram imensamente solidários. Isso nunca poderia ter um sentido de massa a não ser aqui e na Espanha.<sup>12</sup>

A solidariedade portuguesa à causa brasileira pode ser encontrada na fala de todos os ex-exilados que estiveram em terras lusas. Moema São Thiago, recorda:

E lá, realmente, o tratamento era uma coisa assim [...] Todos nos assumiam, era uma solidariedade muito grande. Eram os antifascistas portugueses apoiando os antifascistas brasileiros. Houve uma vez uma situação comovente. Eu fui ao dentista – eu não conhecia o dentista, mas tinha uma referência dele, e não falei nada -, e, na hora H eu pensava numa dor imaginando uma tortura, e numa dessas eu passei mal, tive uma tontura e não sei o que... E então, ao pedir para marcar outro dia, porque não tinha condições, eu contei [sobre a militância no Brasil, não é? E o cara tinha sido preso, torturado, ficou emocionado, fez o tratamento da gente, não quis receber. E disse: ‘Pode trazer mais outros companheiros!’ E eu levei mais não sei quantos companheiros<sup>13</sup>.

Entendemos que esta solidariedade com os brasileiros e demais exilados da Americana latina, para além do fato de também terem vivenciado uma ditadura por tanto tempo, se dava por que muitos dos que estavam participando do processo revolucionário português haviam passado também pela experiência do exílio, além de muitos terem vivido o degredo no Brasil, e, de acordo com os próprios, foram agraciados com a solidariedade brasileira, conforme podemos constatar pelas entrevistas que realizamos e pelo próprio discurso dos membros das Assembleias da República e depois da Constituinte portuguesa em diversas de suas sessões.

Mas, em sentido político, a solidariedade veio de várias outras formas como, por meio de militância, no exemplo da colagem de 5000 cartazes com o rosto de o líder guerrilheiro Carlos Marighella em vermelho pelas ruas de Lisboa com apoio do deputado Antônio Reis do

---

<sup>12</sup> Pedro de Andrade - entrevista concedida à Denise Rollemberg e Daniel Aarão Reis Filho realizada em Lisboa em 29 de janeiro de 1996.

<sup>13</sup> **Moema São Thiago** - entrevista concedida a Rodrigo Pezzonia em 15 de maio de 2014.

Partido Socialista; como na ajuda pela busca do emprego aos profissionais brasileiros, principalmente professores, pelo Partido Comunista Português, assim como em auxílios particulares de sentido financeiro e de moradia.

As instituições políticas portuguesas também se alinharam com a luta em favor dos exilados, se aliando a várias organizações que se estabeleceram em Lisboa após a revolução, sendo tanto as de características não revolucionárias, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB), quanto as de viés armado, sendo estas, principalmente, o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

O PCB aproximaria seu vínculo com o PCP (Partido Comunista Português), e também se aliaria a outros organismos de luta contra ditadura a favor da anistia, tendo forte relevância no que concerne a luta brasileira e nas questões internas de Portugal; o PCdoB se aliaria às correntes maoístas (de inspiração albanesa) e, por sua vez, mais influenciou do que foi influenciado<sup>14</sup>, pois, teve importância ímpar na criação do Partido Comunista Português (Reconstruído) e em sua frente política a União Democrática Popular. Além disso, diferente das demais organizações, de início não levantaria a bandeira da anistia por questões de segurança<sup>15</sup>, entendendo que a luta revolucionária não deveria ser abandonada.

Interessante notar que na segunda metade da década de 1970, sobretudo no período anterior ao 25 de Novembro de 1975<sup>16</sup>, os ânimos entre os recém-construídos partidos políticos portugueses estavam em ebulição. A extrema esquerda dividida em várias agremiações apoiava ou vociferava contra o mais antigo partido português naquele momento, o PCP (Partido Comunista Português), á este Partido alcunhava aos socialistas do Partido Socialista a traição da revolução tentando guiná-lo à direita.

Do outro lado, o Partido Comunista Brasileiro, como já era resoluto, se distanciava dos radicalismos da extrema esquerda, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) viva a clandestinidade dentro do próprio exílio, embrenhando-se nas organizações maoístas portuguesas para atuar em busca de um entendimento internacional de luta.

Já as “organizações armadas” passavam por um árduo processo de autocrítica que já se desenrolava desde o início daquela década, especialmente pelas sucessivas derrotas militares e políticas e pela dizimação de suas fileiras pelo aparato repressivo. Além disso, as derrotas não

---

<sup>14</sup> Em Portugal, sob a influência de Diógenes Arruda, dirigente do partido, foram criados o Partido Comunista Português (Reconstruído) e sua frente de ação a União Democrática Popular.

<sup>15</sup> FREIRE, Op. Cit., p, 38.

<sup>16</sup> Resultado do que ficou conhecido como *Verão Quente*, em linhas gerais pode ser caracterizados como uma tentativa frustrada de golpe à esquerda que arrefeceu a revolução, guinando-a à direita e ditando os caminhos da transição democrática pós-revolucionária.

se deram apenas em solo brasileiro. A tentativa de auxiliar a revolução em outros países também foi de mal a pior. Alfredo Sirkis, em seu depoimento, resume o sentimento de fracasso de parte das esquerdas revolucionárias, e sua primeira ação em Portugal:

Nós estávamos no Brasil querendo fazer uma revolução, não conseguimos; fomos para o Chile, tentamos fazer uma revolução e não conseguimos; na Argentina tentamos fazer uma revolução e não conseguimos; chegamos a Portugal tentou-se fazer a revolução, não conseguimos; mas a diferença das outras coisas é que em Portugal não foi uma tragédia, foi uma comédia<sup>17</sup>.

A “tentativa de revolução”, a qual Sirkis se refere, diz respeito a uma das primeiras ações políticas exercidas por um grupo de exilados em Portugal, quando do apoio à tentativa de levante da extrema esquerda no *Verão Quente* de 1975. Pelo testemunho de Alfredo Sirkis, o intuito era levar a cabo, aproveitando a liberdade que os exilados tinham naquele país, a revolução que não conseguiram em outros países. A efervescência política de esquerda em Portugal estava evidente e com pouquíssima reação negativa, diferentemente do que ocorrera no Chile e na Argentina anteriormente. Portugal havia passado por um longo período de ditadura de direita, o que, talvez, no entendimento dos militantes da esquerda brasileira, seria condição facilitadora do apoio a uma revolução que não conseguiram na América Latina. Para estes militantes, talvez agora conseguissem viver sua revolução, mas em terra de outros.

Mas, com o insucesso da extrema esquerda, uma vez mais os brasileiros amargariam a derrota. Só que, desta vez, diferente do que imaginava, a retaliação dos vencedores seria bem diferente daquela dos países da América do Sul. Sirkis, comenta criticamente a situação portuguesa:

Em Portugal houve um golpe progressista-militar contra o colonialismo. Depois uma situação de transição, restabelecimento da democracia. A extrema esquerda achou que tinha que implantar a república dos soviets em Portugal de qualquer jeito. E começou, desde o primeiro momento, a conspirar contra a democracia que estava sendo implantada em Portugal. E os brasileiros lá. Nós todos participamos disso, metidos com aquelas organizações de extrema esquerda que havia em Portugal, que era basicamente o PRP, o MES e a ala de ultraesquerda das forças armadas chefiada por Otelo Saraiva de Carvalho e outros militares da extrema esquerda. E era uma visão absolutamente golpista que a gente tinha. Era uma coisa que hoje eu vejo e sinto até vergonha. [...] eu fui para casa [...] eu estava tão deprimido que deitei na cama e fiquei esperando que alguém viesse me prender. Aí passou um dia, dois dias, três dias, quatro dias e ninguém veio me prender,

---

<sup>17</sup> **Alfredo Sirkis** – entrevista concedida a Mario Augusto Medeiros da Silva em 28 de abril de 2005.

nem a mim nem Carlos Minc - Carlos Minc e eu morávamos na mesma casa. Ninguém veio nos prender, esqueceram-se da gente (rindo). E depois nos perdoaram, o Partido Socialista e o Mario Soares daqui a pouco estavam fazendo campanha pela nossa anistia no Brasil<sup>18</sup>.

Temos que ter em mente, que este testemunho é o de um ex-militante, de convicções que poderíamos nomear ao “Centro” do espectro político atual e que mudou sua perspectiva sobre sua atuação anterior, mas, para além do sentido de arrependimento pela ação no golpe frustrado, percebe-se no testemunho que, naquele momento, havia um choque de conduta política na posição de Sirkis que desencadeou uma severa autocrítica. Com isso, Sirkis se aproximou do Partido Socialista e, conseqüentemente, do socialismo democrático, onde abandonou o aspecto marxista-leninista de luta contra a ditadura brasileira. Nos anos seguintes, Sirkis criticará profundamente os resquícios de aspirações armadas de luta, apontando que, temporalmente, ela fora necessária nos anos de 1960 no Brasil, mas que, em fins da década de 1970 a ortodoxia marxista leninista era anacrônica<sup>19</sup>.

Outro caso que merece destaque é a inclusão de militares brasileiros nas fileiras do Movimento das Forças Armadas portuguesas, assim como na defesa da revolução.

Maria Antonia Palla na revista *Vida Mundial*, relata algo que para ela era espetacular:

Do dia 11 de março guardo uma imagem inesquecível: a de Altair Campos, ex-capitão do Exército brasileiro, preparando-se para defender de armas na mão a Revolução portuguesa (...) No dia 11 de março, de pistola à cinta a confiança a animar-lhe o sorriso franco, o capitão estava no seu posto, feliz e honrado pela oportunidade que se lhe oferecia de mostrar que, “onde quer que esteja”, é um homem válido, um combatente apto a entrar em ação<sup>20</sup>.

Pode-se pensar: como viam os portugueses esta possível ingerência de um militar brasileiro a empunhar armas sob a farda de outra nação? A revista se posiciona dizendo que houve quem se preocupasse com isso, ao relatar o diálogo que vira:

“Este capitão, agora é do Exército Português?”. Questão a qual foi dada resposta por um “camarada”: “Ora, um capitão é sempre um capitão, onde quer que esteja. Este agora está conosco”<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> IDEM.

<sup>19</sup> Diz Sirkis: “é tragicômico se ver ainda hoje [1979], muitos companheiros buscarem com sofreguidão a solução para os problemas políticos do Brasil nos livros de Lenin, como se aquele fosse a bíblia, e referenciem os problemas atuais com os de 70 anos atrás, do outro lado do mundo e em outra fase histórica do próprio capitalismo. MOVIMENTO. Edição 218, 03-09/09/1979. p.7.

<sup>20</sup> PALLA, M. A. *Urge Atender aos Refugiados Políticos*. Vida Mundial. Lisboa, nº 1862, 22/05/75, p. 26.

<sup>21</sup> Idem.



Esta, provavelmente, é uma cena que só se pode evidenciar em momentos políticos típicos daquele vivido no PREC (Processo Revolucionário em Curso) português, e demonstra o posicionamento ideológico do periódico em questão. Mas, isso não deixa de ser um cenário emblemático para que se entenda o porque de parte dos exilados brasileiros estarem confiantes e animados com a possibilidade de participação em um movimento revolucionário vitorioso.

O historiador Anderson Almeida, em sua tese biográfica sobre o Almirante Candido Aragão, exemplifica com este personagem a recepção dos militares brasileiros cassados e exilados pela revolução dos capitães. Pelo que se nota, o Almirante é recebido como igual pelos seus colegas de farda em Lisboa, e logo é fornecido o que de mais valoroso pode ser para um exilado: seu meio de sobrevivência. O então capitão de fragata, Manuel Martins diz a Almeida:

Não me recordo como foi esse contato inicial do almirante Aragão com a Marinha, mas é natural que ele tenha procurado a Marinha. O recebemos ali no gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada, onde acredito, eu estava como chefe de gabinete do almirante Pinheiro de Azevedo (...) Portanto, eu o recebo e imediatamente se manifestou aquela solidariedade normal entre pessoas próximas ideologicamente e, sobretudo, nós o recebemos com muito carinho e consideração. Nós procuramos resolver a questão material do almirante porque era uma pessoa que estava sem recursos. (...) Arranjamos-lhe essa situação de ser investigador [pesquisador] da Biblioteca Central de Marinha. E, portanto arranjamos um local de trabalho, um gabinete e essa situação de investigador. E o que ele ganhava era suficiente para sua estadia em Portugal, para se manter cá, e digamos, para viver com alguma dignidade

E continua:

Ele também almoçava conosco na mesa dos oficiais. Durante muito tempo ele almoçou na minha mesa (...). Nós conversávamos sempre. Nós estávamos interessados em conhecer a experiência brasileira, sobretudo como é que as coisas tinham passado, e ele também estava muito interessado em falar conosco e em conhecer a realidade portuguesa (...). Tínhamos longas conversas à hora do almoço, às vezes fora da hora do almoço. Às vezes ele próprio ia ao gabinete do Chefe do Estado Maior da Armada porque ele sempre foi um homem muito preocupado com a situação portuguesa. Creio que ele teve alguns contatos políticos em Portugal, creio que com a Isabel do Carmo, era uma dirigente do Partido Revolucionário do Proletariado (PRP)<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Entrevista com capitão de fragata Manuel Martins Guerreiro cedida à Anderson da Silva Almeida In: ALMEIDA, A. S. ... *como se fosse um deles – Almirante Aragão: memórias, silêncios e ressentimentos*. Tese de doutorado, Niterói, 2014, p. 210-211.

Antes de continuarmos, temos que deixar claro que nem todos os exilados brasileiros estavam envolvidos com atividades armadas, ou mesmo políticas, em Portugal nos anos que sucedem ao 25 de abril. Por essa razão, não se pode generalizar – como em qualquer análise sobre um grupo tão heterogêneo quanto o dos exilados – a conduta de todos os envolvidos. Um exemplo contrário é de Enoir de Oliveira (Juca) que via na atividade dos exilados uma tentativa de ingerência dos brasileiros nos assuntos portugueses, e não como verdadeira atitude de montar uma comissão para os assuntos relacionados à ditadura militar. Por isso, se distanciou do Partido Comunista e, juntamente com outros três, dedicou-se a inaugurar, em 1978, o *Brasuca*, restaurante que faria muito sucesso nos anos seguintes e que ainda tem suas portas abertas<sup>23</sup>.

No caso de Enoir, de certa forma, esta posição era mais que compreensível. Isso porque era filiado ao Partido Comunista Brasileiro, que, mesmo no Brasil, advogava contra o uso das armas no processo revolucionário. Já o Partido Comunista Português, “... não se alinhava inteiramente à linha pacífica adotado no XX Congresso do PCUS [Partido Comunista da União Soviética]”<sup>24</sup>, mas, mesmo assim, foi a ligação dos comunistas brasileiros com Portugal.

Moema São Thiago, à época militante da organização de luta armada *Ação Libertadora Nacional (ALN)*, diz não ter participado das incursões dos brasileiros que se aliaram aos portugueses no 11 de Março ou no 25 de Novembro:

A gente sempre achou que a revolução portuguesa cabia aos portugueses. Isso a gente discutia e achou um erro. Entende? Teve companheiro que se vestiu de farda do exercito português... A gente discordava! Uma coisa é solidariedade, uma coisa é um apoio, outra coisa é você pegar uma arma e ir combater um povo numa luta que não é sua. A solidariedade é uma coisa, não era nesse nível. Isso foi uma coisa que, pelo menos nosso grupo da ALN, nunca admitiu<sup>25</sup>.

Mas, para além das críticas de anos posteriores, entendemos que as tentativas de ação revolucionárias em outros países tinham não apenas o intuito de promover a revolução internacionalista, mas também condições objetivas de reação externa ao regime militar brasileiro, através de um governo de esquerda ocidental e reconhecido internacionalmente. Por isso, talvez, um dos motivos que tenha trazido ao arrependimento Sirkis foi a percepção de que mesmo sem o sucesso do levante da extrema esquerda, as ações dos portugueses em auxílio aos

---

<sup>23</sup> **Enoir de Oliveira Luz (Juca)** – entrevista concedida à Denise Rollemberg e Daniel Aarão Reis Filho realizada em Lisboa 27 de janeiro de 1996

<sup>24</sup> SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português**. São Paulo: Alameda, 2004. p. 152.

<sup>25</sup> **Moema São Thiago** - entrevista concedida a Rodrigo Pezzonia em 15 de maio de 2014.

exilados e a reação à ditadura no Brasil tiveram mais impacto do que o puro embate de Guerra Fria. Com a influência e ajuda de bastidores dos exilados, políticos e intelectuais portugueses se levantaram contra o regime ditatorial do Brasil, e da América Latina de modo geral, na fundação do *Comitê Pró-Amnistia Geral no Brasil* em Portugal, Comitê de Apoio à Luta dos Povos da América Latina, entre outras organizações e partidos.

Após a tentativa de levante revolucionário do 25 de Novembro e seis governos provisórios, Portugal inicia o processo de transição democrática e descolonização. Os partidos de extrema-esquerda perdem força após a tentativa de golpe, assim como o PCP. E o Partido Socialista começa a dominar o cenário eleitoral.

Parte dos exilados em Lisboa, que haviam estado ligados as organizações armadas brasileiras e também aderido as insurgências da extrema esquerda portuguesa, acomodam-se junto aos socialistas e outras personalidades que iniciam o auxílio à luta pela anistia no Brasil.

Depois de todo este processo autocrítico e da ligação com o país de acolhida pelas esquerdas brasileiras, o último ponto que trataremos aqui diz respeito ao término da estada, em um momento em que a dita abertura lenta e gradual proferida pelo general Ernesto Geisel começava a avançar. A oposição comunista já havia sido dizimada ou incorporada à oposição legal ao regime, no MDB; o bipartidarismo já não teria mais razões de existir, embora, por vezes, esta ação de abertura partidária fosse vista como artifício dos militares para dividir a oposição. Portanto, em 1979, inicia-se uma corrida de possíveis novas legendas a integrar a política brasileira. Mas não apenas novas legendas, também antigas que pretendiam se renovar, como veremos agora.

### *Brizola e a “turma do gatilho”: encontro de gerações*

Leonel Brizola, membro conhecido da classe política brasileira desde a década de 1950, foi um dos expoentes da campanha pela legalidade no início da década de 1960 e um dos que primeiro tentou organizar um movimento guerrilheiro no Brasil logo após o golpe. Em fins do ano de 1977, se viu obrigado a deixar o Uruguai, onde passara os últimos 13 anos, devido a uma solicitação do governo brasileiro ao governo uruguaio. De acordo com a biografia do político (escrita pelo jornalista F. C. Leite Filho) a exigência extemporânea teria chegado a Geisel pelo General Sylvio Frota, representante da linha dura do regime e interessado à concorrência interna na candidatura de próximo general no poder.

Brizola ficou à mercê da vontade de países que lhe concedessem asilo político. Mas, o que ninguém poderia imaginar, é que o convite viria do mais improvável dos chefes de Estado,

o presidente dos Estados Unidos da América, Jimmy Carter. Tal atitude causou considerável desconforto às ditaduras envolvidas. Carter havia concedido ao político brasileiro asilo temporário de seis meses (prorrogável), mas, com a intervenção do jornalista Hermano Alves, o então primeiro ministro de Portugal Mário Soares também ofereceu a estada e o passaporte português levando Brizola, mais adiante, a optar por este país<sup>26</sup>.

Moema São Thiago recorda que partiu do grupo do Comitê Pró-Amnistia a ideia de trazer Brizola para Portugal a partir do contato com Mário Soares antes mesmo da ciência de que os americanos o haviam acolhido. Recorda, ela:

Ninguém tinha intimidade com Mário Soares [...] e então a gente se lembrou no Comitê: ‘O Hermano é amigo dele!’ Então corremos para casa do Hermano, e dissemos: ‘Hermano, você tem que ligar agora para o Mário Soares. Para ele dizer que o Brizola pode vir. Então, quando o Mario Soares disse que o receberia e daria o passaporte e poderia vir à Portugal, já tinha acontecido dos Americanos do Partido Democrata ter oferecido o asilo

Assim, depois da concessão de asilo por Mário Soares, Brizola, em janeiro de 1978, se transfere para Portugal. Seu objetivo em Portugal seria o de reestruturar o tradicional Partido Trabalhista Brasileiro, que havia tido grande influência na política deste país a partir de Getúlio Vargas até o golpe. Mas por que Portugal?

Brizola, admirava o recente processo histórico pelo qual Portugal havia passado, e os caminhos percorridos da devolução à transição democrática o encantaram, e portanto já se convencera de que o radicalismo não seria o fator que derrubaria a ditadura, e já flertava com o socialismo democrático europeu. Em Portugal, isso se potencializaria ainda mais quando apresentado a Mario Soares e a toda a órbita socialista europeia: Willy Brandt, Olof Palme, François Mitterrand e Felipe Gonzalez. De acordo com Alfredo Sirkis, Brizola seduziria os socialistas a ponto de seu futuro partido ser o único oficializado pela Internacional Socialista no Brasil.

Nós fizemos, inclusive, uma ponte entre ele e o Partido Socialista. Apresentamos ele para o Mário e ao Partido Socialista. Ele conquistou o pessoal do PS [...] amor a primeira vista entre eles, Mario Soares e essa turma toda. O Brizola era muito carismático, era muito envolvente. Quando você olhava você tinha a certeza que estava diante de um personagem da história, um predestinado a ser presidente da república do Brasil em algum momento. Sucessor do Getulio, do Jango... Então,

---

<sup>26</sup> LEITE FILHO, Francisco das Chagas. **El Caudillo: Leonel Brizola, um perfil biográfico**. São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

eles o apresentaram pro Wyllie Brandt. Conquistou o Brandt logo de saída, ele [Brizola] dizia o seguinte: “A ditadura no Brasil estava na mesma situação que os Estados Unidos no Vietnã, eles tem a força, mas não tem condições de utilizá-la da forma que precisam.” A partir de então, Brizola virou, para sempre, referencia da Internacional socialista no Brasil<sup>27</sup>.

O contato e o protagonismo requisitados por figuras como Alfredo Sirkis, Moema São Thiago, Mauricio Paiva, entre outros do CPAGB no processo que levou Brizola à Portugal, nos revela uma nova faceta da reação ao regime militar após o golpe de 1964. Finalmente, as duas gerações de exílio se encontraram<sup>28</sup> e tentaram desenvolver algo novo.

Este conceito de geração - que a historiadora Denise Rollemberg busca em Jean François Sirinelli, e que por sua vez se apoia em Jean Luchaire - diz respeito à existência de uma primeira geração de exilados que temporalmente se situaria no período do golpe de 1964, e que politicamente teria como característica a identificação com “... o projeto da reforma de base, ligados a sindicatos e partidos políticos legais, como o PTB, ou ilegais como o PCB.”, e que, “Quando foram para o exílio, já eram na maior parte homens maduros definidos profissionalmente”. Além disso, em grande medida estariam engajados em um sistema de luta legal, na medida do possível, e pacífico contra regime militar. Já a segunda geração, também conhecida como *Geração de 68*, tinha como características: a pouca idade dos exilados, o fato de terem pertencido ao movimento estudantil e de atuarem em estreita ligação com os meios armados de resistência<sup>29</sup>.

Desta forma, Américo Freire aponta que [...] ao cabo de um ano e meio, a colônia compreendia personalidades e ex-militantes de diversos matizes das esquerdas brasileiras. Reunia, entre outros, figuras como o almirante Cândido Aragão – um dos líderes da corrente nacionalista militar radical que fora varrida pelo regime de 64; o jornalista e escritor Marcio Moreira Alves, de amplo trânsito entre as lideranças civis e militares do novo regime português; assim como cerca de duas ou três dezenas de ex-militantes egressos de organizações comunistas revolucionárias que haviam se envolvido diretamente na luta armada contra a ditadura brasileira. Coube particularmente a esse grupo um papel central na articulação com intelectuais e políticos portugueses para a criação e manutenção do Comitê Pró-Amnistia Geral no Brasil<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Alfredo Sirkis - concedida a Rodrigo Pezzonia em 14 de maio de 2014.

<sup>28</sup> FREIRE, 2010, Op. Cit., p. 38.

<sup>29</sup> ROLLEMBERG, Op. Cit. pag. 50.

<sup>30</sup> FREIRE, Américo. **Ecos da Estação Lisboa: O exílio das esquerdas brasileiras em Portugal**. In: Sociologia, Problemas e Práticas. N° 64, 2010, p. 36.

Este encontro entre o “velho” e o “novo” na política; entre trabalhismo e a geração de 68 (ou como Brizola apelidou os jovens ex-militantes da guerrilha: *A Turma do Gatilho*) cria aquilo que ficou conhecido como o *Novo Trabalhismo*. Em sua visão sobre este encontro, Moema São Thiago entende que

Brizola teve uma abertura muito grande com o pessoal da luta armada. Achando que tinha que incorporar e trazer o sangue novo, o sangue da coragem, então, por exemplo, tinha uma questão pessoal, que era uma questão assim, como os filhos de Brizola eram muito alienados, ele se encantou com a menina guerrilheira. Eu era menina mulher, era a única ali naquele momento, se encantou com Sirkis, se encantou com Domingos, com Mauricio, com Almir. Então Brizola ficou um pouco encantado com as nossas histórias. E nós também, pela primeira vez, conhecendo um político ao vivo e uma pessoa extremamente carismática como o Brizola. Se você brigasse com Brizola você tinha que dar as costas pra ele e sair de perto porque em cinco minutos ele começava a rir, brincar com você e era uma vergonha, não tinha mais como você ficar zangado. Tinha um carisma, era uma pessoa muito interessante. Tinha capacidade não só de ouvir, mas de contar histórias. E na época do exílio ele olhava para gente – cansei de ouvir ele dizer isso: “Olha, se a gente depender do MDB a gente nunca vai voltar. Ou esse movimento vai para as ruas, pra sociedade, pois, se depender do PMDB nós vamos ter mais 40 cinquenta anos de exílio<sup>31</sup>.”

Assim como *a turma do gatilho*, Brizola havia amenizado seu discurso. Como ressalta Costa, “... o novo Brizola recusava a pecha de radical. Ou melhor, relia o radicalismo. Ser radical era chegar à raiz dos problemas. Ele era radical contra a corrupção. Intransigentemente contrário à subversão democrática e favorável à legalidade constitucional<sup>32</sup>”.

Assim, com a tentativa de reestruturação partidária que se dá em Portugal no conhecido *Encontro de Lisboa* ocorrido em meados de 1979, brasileiros residentes em vários países, inclusive militantes e políticos de outras agremiações políticas, inseridos ou não na oposição consentida do MDB, discutiram a criação de um trabalhismo renovado, que se definiria como “uma alternativa de esquerda para o Brasil [para] enfrentar suas mazelas históricas, a começar pelo fim do regime autoritária<sup>33</sup>”, mas adotando a antiga sigla PTB. Além de debaterem estratégias de como poderiam alcançar as necessidades imediatas para o Brasil, como a Anistia

---

<sup>31</sup> **Moema São Thiago** - entrevista concedida a Rodrigo Pezzonia em 15 de maio de 2014.

<sup>32</sup> COSTA, Izabel Cristina Gomes da. **A Hora da Travessia: Reinventando o Brizolismo e o Trabalhismo**. Revista Mundos do Trabalho, vol. 4, nº 7, jan. – jun. 2012. Pag. 125.

<sup>33</sup> SENTO-SÉ, João Trajano de Lima. **Um Encontro em Lisboa: O novo trabalhismo do PDT**. IN: Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis (Orgs.). *Revolução e Democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 434.

ampla, geral e irrestrita, o retorno às Liberdades democráticas e livre organização política e sindical, o fim dos organismos de repressão e espionagem, e assim voltar a se impor pelas prerrogativas do Estado de direito tendo como ordem a luta pela criação de uma Assembleia Constituinte, pela redução da dívida externa e pelo controle da desnacionalização da economia e pelo fim da hipoteca da soberania nacional.

É no encontro de Lisboa que os grupos afinam seu discurso e onde sintetizam-se as propostas deste novo partido, “nacional e democrático”, que trazia a novidade de preocupações com os “marginalizados”. Pela primeira vez dentro de uma organização que se pretendia partidária notava-se preocupações com parcelas da sociedade até então esquecidas. Na Carta de Lisboa, resultado final do encontro, foram acionados assuntos como a questão da criança e do adolescente, ao se referir às “crianças abandonadas e famintas, que estão sendo condenadas à delinquência; bem como o meio milhão de jovens que, anualmente, alcançam os dezoito anos de idade analfabetos e descrentes de sua Pátria”; o discurso da defesa étnica, já que buscava “fazer justiça aos negros e aos índios que, além da exploração geral de classe, sofrem uma discriminação racial e étnica, tanto mais injusta e dolorosa, porque sabemos que foi com suas energias e com seus corpos que se construiu a nacionalidade brasileira” e com o reconhecimento da luta das mulheres aos direitos iguais, estas que jamais viram “reconhecidos e equiparados seus direitos de pessoa humana, de cidadã e de trabalhadora; e que, além de ser vítima da exploração representada pela dupla jornada de trabalho, se vê submetida a toda sorte de vexames sempre que procura fazer valer seus direitos”, e, por fim, propõe a voltar os olhos para a exploração contra o povo do nordeste.

Mas é certo que esta corajosa abordagem social não se manifestava pela reconhecida tradição trabalhista. Fica aí muito clara a intervenção dos jovens militantes do futuro partido que já vinham, junto a seu projeto autocrítico e atentos aos movimentos sociais europeus, discutindo o lugar dos marginalizados, dos negros e, especialmente, dos assuntos voltados à questão feminista desde o início daquela década<sup>34</sup>.

Isso fica também mais evidente na produção de jornais e boletins publicados pelos grupos de exilados que expressam as preocupações concernentes a estas camadas sociais a tanto esquecidas pela ordem política nacional, e que seria também um novo nicho eleitoral a ser explorado quando do retorno da normalidade democrática que se aproximava<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> No Brasil, periódicos desta natureza apareceram mais tardiamente, por volta de 1977-1978, obviamente pela repressão e censura que sofriam, mas também pelo desinteresse (e até preconceito) das esquerdas tradicionais.

<sup>35</sup> Por exemplo, nas capas da revista *DEBATE: problemas da revolução brasileira*, um periódico produzido por um grupo de exilados em Paris, é possível perceber todo o processo evolutivo dos movimentos de resistência, desde os de aspirações armadas, depois se posicionando acerca de vários assuntos espinhosos (sindicalismo,

Mas, este esforço de reavivar o trabalhismo não foi simples, pois, como bem coloca a historiadora Izabel Cristina Gomes da Costa:

Para a direita, eles representavam a república sindicalista, a desordem, a quebra das hierarquias. À esquerda, entre os mais moderados, as opções feitas pelos trabalhistas e seus apoiadores foram os principais responsáveis pela radicalização do pré-64. Os mais radicais eram incisivos: o fracasso da resistência ao golpe deveu-se a sua própria essência: dúbia, inorgânica e personalista...<sup>36</sup>

De qualquer forma, com o apoio daqueles que já haviam sido os críticos do trabalhismo, ou seja, os oriundos das organizações de esquerda armada, e, pelo visível entendimento de Brizola de que o trabalhismo deveria ser modernizado a partir das experiências que teve em Portugal com os socialistas, o “Novo Trabalhismo” teria vida longa. Mas, como indica Alfredo Sirkis, no retorno ao Brasil, a perda da sigla PTB para a sobrinha de Getúlio Vargas e o retorno de Brizola à companhia dos “caciques” do antigo PTB fizeram com que o então recém-criado Partido Democrático Trabalhista (PDT) tivesse a dispersão daqueles militantes que haviam aderido à ideia de Brizola nos anos de exílio em Portugal.

Isso fica exemplificado na trajetória de alguns dos envolvidos neste grupo a cujos testemunhos tivemos a oportunidade de acessar:

Alfredo Sirkis, após sair do PDT foi um dos fundadores do Partido Verde (PV) e agora é filiado ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e foi um dos responsáveis pela campanha presidencial de Marina Silva nas eleições de 2014<sup>37</sup>; Moema São Thiago, depois de Brizola, foi uma das fundadoras e parlamentar pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB); Maurício Paiva, ao sair do PDT, assim como Moema foi um os fundadores do PSDB, passou pelo PSB até que decidiu por deixar a militância política.

Curioso é que, exercendo hoje posição “centralizada” no que tange ao embate político nacional, seriam vistos como estranhos irreconhecíveis e ferrenhos adversários à direita aos olhos dos jovens revolucionários de 40 antes, quando da Portugal revolucionária.

---

feminismo, racismo) até se envolver com as discussões referentes à resistência dos hoje chamados “novos movimentos sociais”, que culmina com o processo de anistia, e a volta daqueles que ainda estavam em terras estrangeiras, levando, então, a *DEBATE* a firmar bases no Brasil.

<sup>36</sup> Izabel Cristina Gomes da Costa: **O Caleidoscópio Político do “Novo Trabalhismo”: Os socialistas do Centro de Mobilização Trabalhista**. In: Revista Contemporânea. Dossiê Contemporaneidade, ano 1, nº1, 2011, pag. 236-237.

<sup>37</sup> Alfredo Sirkis também é um dos articuladores do *Rede Sustentabilidade*. Partido em formação que não conseguiu o número de assinaturas necessárias para concorrer às eleições de 2014. Por este motivo seus quadros estão em “filiação transitória” no PSB até a regulamentação do partido.



## *Fontes*

### *Testemunhos*

**Alfredo Sirkis** - concedido a Mario Augusto Medeiros da Silva em 28 de abril de 2005.

\_\_\_\_\_ - concedido a Rodrigo Pezzonia em 14 de maio de 2014.

**Enoir de Oliveira Luz (Juca)** – concedido à Denise Rollemberg e Daniel Aarão Reis Filho em Lisboa 27 de janeiro de 1996.

**Mauricio Paiva** - concedido a Rodrigo Pezzonia em 5 de março de 2014.

**Moema São Thiago** - concedido a Rodrigo Pezzonia em 15 de maio de 2014.

**Pedro de Andrade** - concedido à Denise Rollemberg e Daniel Aarão em 29 de janeiro de 1996.

\_\_\_\_\_ - concedido a Rodrigo Pezzonia em dia 16/06/2015.

### *Bibliografia*

COSTA, Izabel Cristina Gomes da. **O Caleidoscópio Político do “Novo Trabalhismo”: Os socialistas do Centro de Mobilização Trabalhista.** In: Revista Contemporânea. Dossiê Contemporaneidade, ano 1, nº1, 2011, p 236-251.

\_\_\_\_\_. **A Hora da Travessia: Reinventando o Brizolismo e o Trabalhismo.** Revista Mundos do Trabalho, vol. 4, nº 7, jan. – jun. 2012. p. 121-145.

FREIRE, Américo. **Ecos da Estação Lisboa: o exílio das esquerdas brasileiras em Portugal.** In: Sociologia, Problemas e Práticas nº64, 2010.

LEITE FILHO, Francisco das Chagas. **El Caudillo: Leonel Brizola, um perfil biográfico.** São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

PAIVA, Mauricio. **O Sonho Exilado.** Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2004.

SARAIVA, Miriam Gomes; VIGEVANI, Tullo. **Política Externa do Brasil: continuidade em meio à descontinuidade, de 1961 a 2011.** In: AARÃO REIS FILHO, D. RIDENTI, M. MOTTA, R. P. S. (orgs.) **A Ditadura que Mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964.** Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português.** São Paulo: Alameda, 2004.

SENTO-SÉ, João Trajano de Lima. **Um Encontro em Lisboa: O novo trabalhismo do PDT.** IN: Jorge Ferreira; Daniel Aarão Reis (Orgs.). **Revolução e Democracia (1964...).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

SPECKTOR, Matias. **Kissinger e o Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

\_\_\_\_\_. **Azeredo da Silveira: um depoimento.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

TELO, António José. **História Contemporânea de Portugal: Do 25 de Abril à Atualidade. Vol. I.** Coleção Fundamentos. Lisboa: Editora Presença, 2007.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio: Entre Raízes e Radares.** Rio de Janeiro: Record, 1999.